

ADRIANA ZIERER  
ANA LIVIA BOMFIM VIEIRA  
ELIZABETH SOUSA ABRANTES

ORGANIZADORAS

# NAS TRILHAS DA ANTIGUIDADE E IDADE MÉDIA



São Luís  
2014



ADRIANA ZIERER  
ANA LIVIA BOMFIM VIEIRA  
ELIZABETH SOUSA ABRANTES

ORGANIZADORAS

# NAS TRILHAS DA ANTIGUIDADE E IDADE MÉDIA

COLABORADORES

Alex Silva Costa  
Alexandro Almeida Lima Araujo  
Bianca Trindade Messias  
Josena Nascimento Lima Ribeiro  
Neila M. de Souza  
Polyana Muniz  
Solange Pereira Oliveira



São Luís  
2014



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO  
GOVERNO DO ESTADO DO MARANHÃO

Roseana Sarney  
Governadora

Washington Luiz  
Vice-Governador

SECRETARIA DE ESTADO DA CIÊNCIA,  
TECNOLOGIA, ENSINO SUPERIOR  
E DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO  
José Ferreira Costa  
Secretário

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO  
José Augusto Silva Oliveira  
Reitor

Gustavo Pereira da Costa  
Vice-Reitor

Porfírio Candanedo Guerra  
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Walter Canales Sant'Ana  
Pró-Reitor de Administração

Antônio Pereira e Silva  
Pró-Reitor de Planejamento

Vânia Lourdes Martins Ferreira  
Pró-Reitora de Extensão e Assuntos Estudantis

Maria Auxiliadora Gonçalves Cunha  
Pró-Reitora de Graduação

Andrea Araújo  
Diretora do Centro de Educação, Ciências Exatas e Naturais (CECEN)



Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

# NAS TRILHAS DA ANTIGUIDADE E IDADE MÉDIA

São Luís



2014

© copyright 2014 by UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO  
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.  
Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA UEMA.

NAS TRILHAS DA ANTIGUIDADE E IDADE MÉDIA

DIVISÃO DE EDITORAÇÃO

Iran de Jesus Rodrigues dos Passos

EDITOR RESPONSÁVEL

Iran de Jesus Rodrigues dos Passos

CONSELHO EDITORIAL

Porfírio Candanedo Guerra - PRESIDENTE

Iran de Jesus Rodrigues dos Passos - EDUEMA

Joel Manuel Alves Filho - CCT/UEMA

José Bello Salgado Neto - CCT/UEMA

Ricardo Macedo Chaves - CCA/UEMA

Ilmar Polary Pereira - CCSA/UEMA

Evandro Ferreira das Chagas - CECEN /UEMA

Lincoln Sales Serejo - CECEN/UEMA

José Carlos de Castro Dantas - CECEN /UEMA

Gílson Soares da Silva - CCA/UEMA

Rossane Cardoso Carvalho - CCT/UEMA

Nordman Wall B. de Carvalho Filho-CCA/UEMA

Sebastiana Sousa Reis Fernandes- CECEN/UEMA

Rita de Maria S. N. de Candanedo Guerra - CCA/UEMA

José Milton Barbosa - CCA/UEMA

Marcelo Cheche Galvês - CECEN/UEMA

Protásio César dos Santos - CCSA/UEMA

Rosirene Martins Lima - CCSA/UEMA

Zafira Silva de Almeida - CECEN/UEMA

ASSISTENTE DE EDITORAÇÃO

Antonia de Fátima de Farias

DIAGRAMAÇÃO/PROJETO GRÁFICO

Luiz Carlos Pereira Guedes

CAPA

Henry J.G. Lisboa

IMPRESSÃO

Gráfica e Editora JK

INDEXADO POR / INDEXAD BY

Bibliografia Brasileira

Nas Trilhas da Antiguidade e Idade Média / organizadoras, Adriana Zierer, Ana Livia Bomfim Vieira, Elizabeth Sousa Abrantes. – São Luís: Editora UEMA, 2014.

463 p.

ISBN: 978-85-8227-044-8

1.Antiguidade. 2.Idade Média. 3.História. 4.Cultura. I.Zierer, Adriana. II.Vieira, Ana Livia Bomfim. III.Abrantes, Elizabeth Sousa. IV.Título

CDU: 94(100)05/..."

*A revisão ortográfica dos textos é de inteira responsabilidade dos autores.*

EDITORA UEMA  
Cidade Universitária Paulo VI - CP 09 Tirirical  
CEP - 65055-970 São Luís - MA  
www.uema.br - editorauema@gmail.com







# SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO</b>	<b>13</b>	Alexandre Carneiro Cerqueira Lima
<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>15</b>	Júlia Constança Pereira Camêlo
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>17</b>	Ana Livia Bomfim Vieira Adriana Zierer Elizabeth Sousa Abrantes
<b>ENTRE EVA E MARIA:</b> A ambiguidade das imagens femininas n <sup>o</sup> A Demanda do Santo Graal - século XIII	<b>21</b>	Adriana Maria de Souza Zierer Elizabeth Sousa Abrantes
<b>GEOGRAFIA, MEMÓRIA E IDENTIDADE SOCIAL DOS THETAI NA ATENAS CLÁSSICA</b>	<b>31</b>	Alair Figueiredo Duarte Maria Regina Cândido
<b>O “ESPELHO DE CRISTO”:</b> A representação cristológica da estigmatização de Francisco de Assis nas Hagiografias Franciscanas	<b>35</b>	Alex Silva Costa Adriana Zierer
<b>GLADIADORES NAS ARENAS:</b> Seres excluídos da sociedade?	<b>45</b>	Alexandro Almeida Lima Araujo Ana Livia Bomfim Vieira
<b>O PODER IMPERIAL ROMANO REPRESENTADO NAS MÃOS DOS CÉSARES E O OFEREÇIMENTO DE DIVERTIMENTOS PÚBLICOS:</b> Uma análise sobre as interpretações classicistas concernentes aos jogos de gladiadores	<b>51</b>	Alexandro Almeida Lima Araujo Ana Livia Bomfim Vieira
<b>A HISTÓRIA DO AMOR DE FERNANDO E ISAURA:</b> Um recorte da residualidade medieval	<b>59</b>	Aline Leitão Moreira
<b>OS MUÇULMANOS E O QUATTROCENTO DE GIOVANNI BOCCACCIO</b>	<b>65</b>	Ana Carolina Lima Almeida
<b>ÊÇA DE QUEIRÓS ENTRE O MEDIEVO E O SÉCULO XIX</b>	<b>73</b>	Ana Marcia Alves Siqueira Sayuri Grigório Matsuoka
<b>O TRONO LUDOVISI COMO LUGAR DE MEMÓRIA DOS GREGOS</b>	<b>79</b>	Andréa Magalhães da Silva Leal Maria Regina Cândido
<b>A IGREJA MEDIEVAL E O CAMINHO PARA A SALVAÇÃO NA VISÃO DE TÚNDALO</b>	<b>87</b>	Bianca Trindade Messias
<b>O HERÓI DA DINASTIA DE BORGONHA:</b> As maravilhas realizadas pelo Rei Afonso III na Crónica dos Sete Primeiros Reis de Portugal	<b>93</b>	Bianca Trindade Messias Adriana Zierer
<b>DEPÓSITOS DE SACRIFÍCIOS HUMANOS E “TERRENOS DE ENTERRAMENTOS FORMAIS”:</b> O caso de Gordion e a população gálata	<b>99</b>	Bianca Miranda Cardoso
<b>RELIGIOSIDADE ROMANO-BRETÁ E OS TEXTOS MEDIEVAIS NAS ILHAS BRITÂNICAS:</b> Diálogos, problemas e desafios	<b>107</b>	Brunno Oliveira Araujo
<b>A RETÓRICA DA ALTERIDADE NA RIHLA DE IBN BATTUTA (1304- 1377)</b>	<b>113</b>	Bruno Rafael Vêras de Morais e Silva José Maria Gomes de Souza Neto

<b>ALEXANDRE, DOS TEXTOS ÀS TELAS:</b> Dialogando com o passado e interagindo no presente	<b>119</b>	Caíl Felipe Zacarias Abrão Pedro Pio Fontineles Filho
<b>O CULTO MARIANO NO SÉCULO XIV EM PORTUGAL</b>	<b>125</b>	Camila Rabelo Pereira Adriana Zierer
<b>MÉTIS E ATHENÁ:</b> Uma leitura de Teogonia de Hesíodo	<b>131</b>	Camila Alves Jourdan Alexandre Carneiro Lima.
<b>RESIDUALIDADES EM TRÊS PRINCESAS PERDERAM O ENCANTO NA BOCA DA NOITE</b>	<b>137</b>	Cintya Kelly Barroso Oliveira
<b>MULHERES EM CENA:</b> Uma análise sobre as mulheres da Grécia Clássica a partir das peças de Aristófanes	<b>143</b>	Clara Manuella de Souza Guerra
<b>VÍCIOS, VIRTUDES E A REPRESENTAÇÃO DO BOM CRISTÃO PARA A ORDEM DOS CISTERCIENSES:</b> O exemplo de Alcobaça	<b>149</b>	Darlan Pinheiro de Lima José Rivair Macedo
<b>TEMPO E NARRATIVA NA EDUCAÇÃO EM RAMON LLULL: DOUTRINA PARA CRIANÇAS (1274 – 1276)</b>	<b>155</b>	Dayse Marinho Martins
<b>ASPECTOS GERAIS DA RELIGIÃO EM CARTAGO:</b> Rituais e formas de organização	<b>161</b>	Fabício Nascimento de Moura
<b>VIDA COLETÂNEA (1311):</b> Ramon Llull e o ideal de bom cristão	<b>167</b>	Flávia Santos Gomes Adriana Zierer
<b>AS LENDAS DO EL-REI TOURO D. SEBASTIÃO E O MILAGRE DE GUAXENDUBA:</b> Narrativas de origens medievais na formação da identidade cultural maranhense	<b>173</b>	Flávio P. Costa Júnior José Henrique de Paula Borralho
<b>A REPRESENTAÇÃO DO DIABO NO TEATRO MEDIEVAL E SEUS ASPECTOS RESIDUAIS NA OBRA AUTO DE JOÃO DA CRUZ, DE ARIANO SUASSUNA</b>	<b>181</b>	Francisco Wellington Rodrigues Lima
<b>A IRONIA COMO SUBVERSÃO DA HISTÓRIA: A IDADE MÉDIA NO CONTO “TEOREMA” DE HERBERTO HELDER</b>	<b>189</b>	Gladson Fabiano de Andrade Sousa Márcia Manir Miguel Feitosa
<b>UMA ANÁLISE HISTÓRICA DO MITO DE PROMETEU E SUAS RELAÇÕES COM O SACRIFÍCIO:</b> Demarcador da condição humana	<b>199</b>	Igo Castro Carreiro Paulo Ângelo de Meneses Sousa
<b>REELABORAÇÃO DO MEDIEVO: O ESTIGMA DA HANSENIASE EM SÃO LUÍS NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX</b>	<b>205</b>	Jacklady Dutra Nascimento
<b>UM OLHAR SOBRE A RELIGIÃO ROMANA NA OBRA METAMORFOSES DE APULEIO (SÉC II D.C)</b>	<b>211</b>	João Marcos Alves Marques Sílvia Márcia Alves Siqueira
<b>O PAPEL DOS JOGOS E DA LITERATURA TÉCNICA NA CONSTRUÇÃO DO PODER RÉGIO AVISINO (PORTUGAL, SÉC. XIV/XV)</b>	<b>217</b>	Jonathan Mendes Gomes
<b>TESSITURAS SOBRE O CONHECIMENTO MÍTICO NA FORMAÇÃO DE IDENTIDADES OS GREGOS ANTIGOS</b>	<b>223</b>	José de Moraes Sousa Francisca Derlange Soares de Sousa Márcia de Fatima de Moraes Sousa Bastos

<b>A TIRANIA DOS PISISTRATIDAS E O DIONISISMO ÁTICO</b>	<b>229</b>	José Roberto de Paiva Gomes Maria Regina Candido
<b>“ARRAIAL! ARRAIAL! PELO MESTRE D’AVIZ, REGEDOR E DEFENSOR DOS REINOS DE PORTUGAL”: Memória e identidade na Crônica de D. João I, de Fernão Lopes</b>	<b>237</b>	Josena Nascimento Lima Ribeiro Adriana Zierer
<b>OS CAVALEIROS DO APOCALIPSE: As influências agostinianas no discurso de Antônio Vieira (1624-1641)</b>	<b>245</b>	Joyce Oliveira Pereira
<b>UMA LOUCA VIAGEM: Representações da loucura na Stultifera Navis de Bosch</b>	<b>251</b>	Kamilla Dantas Matias Rita de Cássia Mendes Pereira
<b>A AVENTURA NO “MAR OCEANO” E AS NOVAS REPRESENTAÇÕES DO MUNDO NO SÉCULO XV</b>	<b>259</b>	Katiuscia Quirino Barbosa
<b>HISTÓRIA E NARRATIVA NA BAIXA IDADE MÉDIA: A ESCRITA DO PODER AFONSINO</b>	<b>265</b>	Leonardo Augusto Silva Fontes
<b>A FIGURA DE GUILHERME, O CONQUISTADOR, NA CRÔNICA DE GUILHERME DE POITIERS</b>	<b>271</b>	Lúcio Carlos Ferrarese Jaime Estevão dos Reis
<b>A RELIGIÃO IMPERIAL ROMANA E SUA INFLUÊNCIA NO CRISTIANISMO</b>	<b>277</b>	Luís Carlos Mendes Santiago
<b>HOMOEROTISMO E HOMOAFETIVIDADE NO IMAGINÁRIO ÁTICO: Uma análise da relação entre a comédia de Aristófanes e o pensamento popular em Atenas (séc. v a. c.)</b>	<b>283</b>	Luiz H. Bonifacio Cordeiro José Maria Gomes de Souza Neto
<b>O BÁRBARO É O OUTRO: Germânia, de Publius Cornélio Tácito</b>	<b>291</b>	Mailson Gusmão Melo
<b>CIDADES, FORTALEZAS, E PODER: A expansão da fronteira Castelhana</b>	<b>297</b>	Marcio Felipe Almeida da Silva Renata Vereza
<b>O BRASIL MEDIEVAL EM OS SERTÕES</b>	<b>303</b>	Marcos Edilson Clemente
<b>A VOZ DIVINA DOS POETAS: Uma reflexão sobre aedos e a tradição oral na Grécia Arcaica a partir dos Hinos Homéricos</b>	<b>311</b>	Marília da Rocha Marques Sílvia Márcia Alves Siqueira
<b>O IMAGINÁRIO SOBRE O MAR E O ESTATUTO SOCIAL DOS “HOMENS DO MAR” NA ATENAS CLÁSSICA</b>	<b>317</b>	Marla Rafaela Lima de Assunção Ana Livia Bomfim Vieira
<b>TENSÕES EXISTENCIAIS DE UM SONHO: O caráter pedagógico-moral de Lo Somni (1399), de Bernat Metge (1340-1413)</b>	<b>323</b>	Matheus Corassa da Silva Ricardo Luiz Silveira da Costa
<b>A IMPORTÂNCIA DA SALVAÇÃO PARA O HOMEM MEDIEVAL: Paraíso versus inferno na obra Felix, O Livro das Maravilhas (1287-1288)</b>	<b>329</b>	Natasha Nickolly Alhadeff Sampaio Mateus Adriana Zierer
<b>ENSINO DE HISTÓRIA MEDIEVAL NO CONTEXTO ESCOLAR: O livro didático, oficinas e desafios iniciais do projeto PIBID</b>	<b>335</b>	Natasha Nickolly Alhadeff Sampaio Mateus Júlia Constança Pereira Camêlo

<b>SOBRE O ESTUDO DA NOBREZA MEDIEVAL PORTUGUESA:</b> Algumas considerações	<b>343</b>	Neila M. de Souza
<b>IDENTIDADE UNIFICADA?</b> <b>OS CRISTÃOS NO IMPÉRIO ROMANO</b>	<b>349</b>	Neles Maia da Silva Thiago de Azevedo Porto
<b>O USO DAS NARRATIVAS MÍTICAS</b> <b>PARA O ESTUDO DA HISTÓRIA ANTIGA</b>	<b>355</b>	Ofélia Maria de Barros Kyara Maria de Almeida Vieira
<b>O TRABALHO E OS MESES</b> <b>NO PÓRTICO DE SANTA MARIA DE RIPOLL (SÉC. XII)</b>	<b>361</b>	Paula de Souza Santos Graciolli Silva Ricardo Luiz Silveira da Costa
<b>A DAMA DO PÉ DE CABRA E O MITO DE MELUSINA</b> <b>NO LIVRO DE LINHAGENS DO CONDE D. PEDRO (SÉC XIV)</b>	<b>367</b>	Polyana Muniz Adriana Zierer
<b>ENTRE IMAGENS E LEITURAS:</b> Representações medievais da mulher no filme “Em Nome de Deus”	<b>375</b>	Priscila de Moura Souza Pedro Pio Fontineles Filho
<b>O SIMBOLISMO DOS ANIMAIS E MONSTROS NO</b> <b>IMAGINÁRIO MEDIEVAL</b>	<b>381</b>	Ramsés Magno da Costa Sousa Nácia Lopes Noleto Sousa
<b>LITERATURA COMO FONTE EM LA CITÉ ANTIQUE</b>	<b>385</b>	Roberto Pontes
<b>A MULHER N’A DEMANDA DO SANTO GRAAL:</b> Pecadora e diabólica	<b>393</b>	Rosário de Maria Carvalho Silveira Elizabeth Sousa Abrantes
<b>MEMÓRIA E RELIGIOSIDADE NA VISÃO DE TÚNDALO</b>	<b>399</b>	Solange Pereira Oliveira
<b>O IMAGINÁRIO CRISTÃO DO ALÉM MEDIEVAL</b> <b>NA VISÃO DE TÚNDALO</b>	<b>405</b>	Solange Pereira Oliveira Adriana Zierer
<b>A LEGENDA ÁUREA E O EXEMPLUM</b> <b>NO CONTEXTO DA PREGAÇÃO DOMINICANA (SÉC. XIII)</b>	<b>411</b>	Tereza Renata Silva Rocha
<b>A HYBRIS DO PESCADOR:</b> Experiência democrática na Atenas Clássica	<b>417</b>	Talysson Benilson Gonçalves Bastos Ana Livia Bomfim Vieira
<b>PRIVILEGIUM PAUPERTATIS:</b> Apontamentos sobre a Sicut Manifestum Est de 1228 de Gregório IX	<b>425</b>	Veronica Aparecida Silveira Aguiar
<b>O NOBRE FILÓSOFO EM DANTE ALIGHIERI</b>	<b>433</b>	Viviane de Oliveira Terezinha Oliveira
<b>O SÉTIMO SELO:</b> As representações do medievo na película de Ingmar Bergman	<b>439</b>	Wendell Emmanuel Brito de Sousa José Henrique de Paula Borralho
<b>OS CRISTIANISMOS E OS DISCURSOS</b> <b>DE AUTORIDADE NO SÉCULO I</b>	<b>445</b>	William Braga Nascimento Ana Livia Bomfim Vieira
<b>FICHA TÉCNICA</b>	<b>451</b>	

## PREFÁCIO

O Laboratório *Mnemosyne* do Departamento de História da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) desde a sua criação, no ano de 2006, tem atuado em diversas atividades de ensino, pesquisa e extensão. O *Mnemosyne* é composto por professores e pesquisadores interessados em estudar sociedades e culturas da Antiguidade e do Medievo. Liderado pelas Professoras Doutoras Ana Livia Bomfim Vieira e Adriana Zierer, o Laboratório conta com o apoio e colaboração de pesquisadores do Brasil inteiro, de diversas áreas do conhecimento, dedicados ao ensino e pesquisa da Antiguidade e da Idade Média. Além de agregar docentes de várias universidades brasileiras, o *Mnemosyne* atualmente possui vinte e quatro membros, entre professores, bolsistas de iniciação científica e monitores das duas áreas de pesquisa em História.

Desde o ano de 2005 ocorre na UEMA o *Encontro Internacional* bienal, reunindo professores que investigam a Antiguidade e Idade Média. Em todos os eventos, temáticas transversais foram escolhidas para justamente proporcionar o diálogo e o debate entre os profissionais das duas áreas. Temas envolvendo cultura, imaginário e memória proporcionaram momentos importantes de reflexão entre pesquisadores brasileiros e estrangeiros, além de estimular um interesse dos alunos de vários estados do país pela

história ‘antes de Cabral’. Devemos ressaltar também o papel importante dos minicursos ministrados nesses Encontros, voltados para alunos universitários e professores da rede pública de ensino de todas as regiões do Brasil. Essas atividades promovem uma circulação de ideias e de informações fundamentais para a renovação dos conteúdos ministrados nas salas de aula das escolas brasileiras e nos bancos das universidades.

Em todos esses eventos promovidos pelo *Mnemosyne*, testemunhamos o empenho de Adriana Zierer e de Ana Livia Bomfim Vieira em formar seus pesquisadores. Pudemos acompanhar a orientação de vários alunos bolsistas nas apresentações dos seus trabalhos, explicitando o compromisso com a pesquisa. Nas várias temáticas orientadas pelas referidas professoras, fica patente a preocupação com o uso e o domínio de documentos, bem como uma bibliografia atualizada.

A presente obra divulga os trabalhos dos pesquisadores do *Mnemosyne*, do NEREIDA, do *Brathair* e de vários outros grupos de pesquisa, reforçando o fortalecimento dos estudos de História Antiga e Medieval no nordeste em particular e no Brasil como um todo.

*Alexandre Carneiro Cerqueira Lima*  
(PPGH/ NEREIDA/ UFF)



# APRESENTAÇÃO

A obra *Nas Trilhas da Antiguidade e Idade Média* além de ser um livro que espelha o crescimento da produção sobre História Antiga e Medieval no Brasil, também traz os estudos que despontam no Maranhão e em outros centros de investigação. Novos pesquisadores, cujas pesquisas enveredam pela Antiguidade e Medievo com o frescor que as novas abordagens do pensamento fazem brotar, inundando o meio acadêmico de boas narrativas e análises.

O Medievo e a Antiguidade também inspiram trabalhos que pensam metodologias para o ensino através do livro didático de História, auxiliando professores e alunos ao acesso a novas abordagens sobre o tempo histórico. Imagens e

mitos são contextualizados e as permanências/rupturas podem ser percebidas pelos alunos do ensino médio e superior.

O livro valoriza a coautoria entre orientados e bolsistas que enveredam não só pelas trilhas das Idades Antiga e Média, mas também pela aventura do trabalho em parceria, tão enriquecedor e gratificante. São novos enredos cujo resultado é o fortalecimento das pesquisas e da divulgação de uma fecunda área em expansão no nosso país.

Prof. Dr<sup>a</sup> Júlia Constança Pereira Camêlo  
(DHG/PPGHEN/UEMA)

Coordenadora da área de História do PIBID/UEMA  
Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência





# INTRODUÇÃO

É com imensa alegria que publicamos esta obra, fruto principalmente dos **Encontros Internacionais de História Antiga e Medieval do Maranhão**, que realizamos a cada dois anos, desde 2005, e já vai para sua sexta edição no ano de 2015. Está presente aqui uma amostra da excelência em pesquisa nas áreas de Antiga e Medieval, representando todo o Brasil. São trabalhos de docentes, doutorandos, mestrandos e de jovens pesquisadores de graduação, todos apaixonadamente vinculados às investigações nestes domínios.

O *Encontro Internacional de História Antiga e Medieval do Maranhão* tem como principal objetivo fortalecer estas áreas no eixo Norte-Nordeste do país, incentivando a criação de grupos de pesquisa, o intercâmbio entre universidades brasileiras e estrangeiras, a troca de experiências entre profissionais de diversos ramos do conhecimento e o diálogo com pesquisadores de áreas afins, como Letras, Arqueologia, Educação, Antropologia, Filosofia, entre outras.

Além disso, muito nos orgulhamos de que nosso evento tenha também a participação de professores e alunos do ensino médio e fundamental, que vêm em busca de conhecer um pouco mais do que está sendo produzido sobre a Antiguidade e o Medieval, ampliando os seus conhecimentos e as suas abordagens. Temos a certeza de que nosso objetivo está, pouco a pouco, sendo alcançado.

Destes encontros, tecemos vários contatos e construímos inúmeras amizades. Todas estas pessoas são responsáveis pela criação do **Mnemosyne** – Laboratório de História Antiga

e Medieval, centrado na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), que conta com o apoio e participação de vários destes parceiros. Além deste há também outro laboratório sediado no Maranhão, o **Brathair** - Grupo de Estudos Celtas e Germânicos, que também busca enfatizar o fortalecimento da Antiguidade e do Medieval.

Esses dois grupos têm relação com outros laboratórios de pesquisa consolidados no Brasil, cujos artigos aparecem ao longo deste livro. Os temas dos trabalhos, que seguem as temáticas dos eventos estão sempre preocupados em refletir sobre questões relativas ao mundo Antigo e Medieval estritamente falando, mas possuem também, como “pano de fundo”, a preocupação em demonstrar como a Antiguidade e o Medieval estão ainda “presentes”. Sempre foi a preocupação de todos nós percebermos as permanências que podem ser identificadas entre o “passado” e o nosso “presente”, além do fato de buscarmos compreender os usos e as representações que o mundo Contemporâneo faz do mundo Antigo e Medieval.

Pensar a Antiguidade e o Medieval é se debruçar sobre o outro, mas é também tentar compreender como estas sociedades resolveram problemas que, muitas vezes, ainda nos atordoam. Os questionamentos ao passado estão com seus pés no presente. Desta forma, fazer história não é olhar para o passado, mas, sobretudo, olhar para o lado.

Ana Livia Bomfim Vieira  
Adriana Zierer  
Elizabeth Abrantes



**NAS TRILHAS DA ANTIGUIDADE  
E IDADE MÉDIA**

# TENSÕES EXISTENCIAIS DE UM SONHO: O caráter pedagógico moral de *Lo Somni* (1399), de Bernat Metge (1340-1413)

Matheus Corassa da Silva<sup>1</sup>  
Ricardo Luiz Silveira da Costa<sup>2</sup>

## INTRODUÇÃO

Tothom de sana pensa pot conèxer que la amor que m'havets portada no era simulada ne ficta, ans partia de pits censer e clar; e que no era fundada em sperança de fer sos fets de mi, sinó em sola caritat (BERNAT METGE, 2007, p. 152).

Qualquer um que esteja em são juízo pode entender que o amor que me haveis tido não era simulado, nem fictício, mas brotava de um peito sincero e transparente, e não era fundado na esperança de se aproveitar de mim, mas na caridade.<sup>3</sup>

Nosso mundo parece sucumbir. Semelhante a um inseto que, envolto pelas fortes teias de uma aranha, dá seu último suspiro. Esse emaranhado que sufoca o mundo é formado pelo que há de mais nefando, de mais cruel: a violência, a corrupção, o individualismo/egoísmo. Uma verdadeira *crise de valores éticos e morais*. Em que pese nosso pessimismo, o fato é que a Humanidade trilha sua trajetória por um caminho que parece não ter volta. Explico: embrutecidos que estamos em tempos de pós-modernidade, não parece mais haver espaço para sentimentos puros e elevados. O ódio, e tudo o que vem dele, tornou-se cotidiano e seu antônimo, o amor, como belamente apresentado na epígrafe acima, foi desvanecido, esquecido, ignorado. Essa decadência que relatamos aqui, brevemente, faz parte, de fato, de uma construção histórica, totalmente oposta, é claro,

<sup>1</sup> Graduado em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Email: matheuscorassa@hotmail.com. Orientador: Prof. Dr. Ricardo da Costa (UFES).

<sup>2</sup> Doutor em História. Docente do Departamento de Artes da UFES.

<sup>3</sup> Todas as traduções de extratos da fonte primária utilizadas nesse trabalho foram, gentilmente, cedidas por Ricardo da Costa.

ao sentido iluminista da História, que só enxerga um linear e eterno progresso. Uma vez que é fundamentada no estudo temporal do homem e de suas relações, a História é reflexo de nossos “altos e baixos”, de nossas dúvidas, de nossos erros, de nossos acertos, enfim, do que é próprio de nossa existência. O mundo atual é, sem dúvida, espelho de um paradoxo que coloca, de um lado, a tão sonhada felicidade proporcionada pela avançadíssima tecnologia e, do outro, as depressões e insatisfações crônicas das quais somos vítimas. Um quadro triste, mas real.

Qual a razão desse lamento introdutório? O contexto histórico que analisaremos neste trabalho se assemelha bastante, salvaguardadas as devidas proporções, ao que vivenciamos hoje. O século XIV foi também palco de diversas mudanças, não só socioeconômicas, mas políticas, culturais e ético-morais. Tempo da antítese *crise versus prosperidade*, como o nosso, refletida na produção literária, filosófica e artística da época. *Lo Somni* (1399), obra-prima do catalão Bernat Metge (1340-1413) é um bom exemplo disso. Escrito entre 1396 e 1399, o texto metgiano proporciona ao leitor uma enleação tal que, inicialmente, parece-nos uma *fuga literária* de um tempo dito tão terrível. Tenhamos, pois, cautela.

Em primeiro lugar, faz-se necessário historicizar a época que circunda o centro de nossa pesquisa, *Lo Somni*. Precisamos compreender o século XIV não só em seus aspectos materiais, mas os valores mentais

e comportamentais projetados nesta centúria. Feito isso, analisaremos um possível caráter pedagógico-moral da obra, uma vez que ela introjeta e manifesta literariamente as *tensões existenciais íntimas* de seu autor, filho desses tempos de dissolução do que se chamou, *a posteriori*, de um *sistema unitário de valores* (BUTIÑÁ, 2002, 433).

## UM MUNDO NOVO

Motivo de atenção especial por parte dos medievalistas, o século XIV nos é apresentado, ainda, de forma controversa. Se por um lado só se viu crise, por outro, opulência, esbanjamento. Nem oito, nem oitenta. Nem preto, nem branco. Cautela. Ao estudar esse século, percebemos que as várias interpretações historiográficas do período foram algo simplistas para um tempo tão complexo. As crises de fato existiram, mas não foram capazes, por si só, de determinarem toda a extensão do período.

O século XIV ficou famoso por uma sequência de tragédias: a *Grande Fome* de 1315-1317 (e as diversas crises alimentícias mais regionalmente localizadas), a disseminação da *Peste Negra* por toda a Europa a partir de 1348, a *Guerra dos Cem Anos* (1337-1453) – além dos diversos conflitos que estouraram por todo o continente, da Península Ibérica à Planície Russa – e, não menos importante, o *Grande Cisma do Ocidente* (1378-1417) (PERROY, 1958; TUCHMAN, 1989; LE GOFF, 1995; BASCHET, 2009). Esse panorama catastrófico, contudo, não reflete o panorama geral europeu. É preciso nuançá-lo. Enquanto os reinos da França e da Inglaterra se dilaceravam em batalhas altamente destrutivas, por exemplo, o reino de Portugal se lançava ao Atlântico e construía um verdadeiro império ultramarino. Gênova e Veneza firmavam laços comerciais cada vez mais estreitos com o Oriente e, a cada dia mais, as cidades italianas esbanjavam suas riquezas e requintadas produções artísticas, entretanto, as regiões a norte da França sofriam com a falta de provisões e com os efeitos da peste. “Se a convulsão geral de meados do século interrompeu o crescimento momentaneamente, este recomeçou logo a seguir, aqui e acolá, ainda com mais vigor” (DUBY; LACLOTTE, 2002, p. 101).

Um *mundo novo* se anunciava (COSTA, 2011). Bem diferente daquele vivenciado até o século XIII. Em meio ao período de recuperação pós-crise, surgiam sociedades mais abastadas, mais opulentas e esbanjadoras. Não nos interessa, aqui, saber o porquê disso, mas o fato é que, a partir do século XIV, tem-se uma progressiva concentração monetária nas mãos de determinadas famílias. A ascensão de “novos-ricos”. Paulatinamente, o dinheiro começa a valer tanto quanto, ou mais, que a linhagem nobre. Ao mesmo tempo, assistiu-se a um também progressivo fortalecimento do Estado, sobretudo em aspectos fiscais. Essa atmosfera de prosperidade justifica, por exemplo, como a produção artístico-cultural não entrou em decadência no *terrível século XIV* (TUCHMAN, 1989).<sup>4</sup> Pelo contrário, as Artes não só não decaem como se transformam: assumem tons profanos, sem, contudo, perder suas nuances de sagrado, o que revela um processo de *laicização* naquele *Outono da Idade Média* (HUIZINGA, 2010).

Desde fins do século XIII há uma linha divisória entre o mundo celeste e o terrestre. Filósofos como Duns Escoto (1265-1308) e Guilherme de Ockham (1285-1347), na contramão de Tomás de Aquino (1225-1274), separam os campos pertencentes, de um lado, à fé e à devoção individual e, de outro, ao perceptível, ao mundo material. Aliada a isso estava uma acentuação, paulatina, de interiorização do Cristianismo. Ressalte-se aqui que não há a menor preocupação com o sobrenatural ou uma desvalorização vigorosa da Igreja como instituição, mas uma introjeção da *práxis* cristã, processo lento que levava os fiéis a preferirem orações e mortificações voluntárias às liturgias coletivas (DUBY; LACLOTTE, 2002, p. 102-104).

A concentração de renda, no aspecto material, e a interiorização da fé, no aspecto transcendental, revelam que, já naqueles tempos, trilhavam-se os primeiros passos para o *individualismo*. Tal noção era uma grande novidade para um mundo acostumado à coletividade, ao comunitário. Isso se refletia nas mais variadas esferas do cotidiano. A religiosidade e o dinheiro

<sup>4</sup> Um dos Estados que tinha seus cofres mais bem alimentados era a própria Igreja. Com sua sede transferida para Avignon desde 1309, os recursos financeiros foram utilizados para exibir, cada vez mais, o poder temporal do papado. Data, pois, desta época, uma belíssima produção artística que ornou o *Palais des Papes*. Em meio a essa atmosfera de grande arrecadação, a corrupção era deliberada.

tornaram-se “objetos” da particularidade.<sup>5</sup> A vida cidadina voltou a ser pujante e cada família tinha um lar somente, e tão somente, para si. A ideia político-espiritual de uma Cristandade ocidental unificada deu lugar, gradativamente, às “cristandades locais” que, mais tarde, seriam conhecidas como *nações*. Individualismo esse que, em suas últimas consequências, evoluiria para o orgulho e para o egoísmo, ambos diametralmente opostos à caridade e à humildade cristãs.

O século XIV parecia prenunciar um relativismo tal que permitia, por exemplo, que um indivíduo separasse a devoção das ações virtuosas, a teoria da prática. Um *sistema unitário de valores* formado, inicialmente, pela tradição filosófica clássica, reafirmado e consolidado pela doutrina católica, lentamente, dissolvia-se. Esse rompimento com os valores, com os ideais e com o senso das virtudes dava lugar, gradativamente, a uma *ética prática*, voltada para o indivíduo, incapaz de impor limites às ações humanas, muito menos de medir a validade ou a invalidez desses atos. Valores e interesses apresentavam-se, pois, cada vez mais relativos e contraditórios (HELLER, 1980, apud BUTIÑÁ, 2002, 433). Processo lento, mas profundo e brutal.

## LO SOMNI E SEU CARÁTER PEDAGÓGICO MORAL

Foi em meio a esse controverso contexto que viveu Bernat Metge, precursor do *Humanismo* em terras ibéricas e um dos mais destacados funcionários da Chancelaria do Reino de Aragão. Graças à intercessão de seu padrao, Ferrer Sayol, Metge chegou à corte e serviu, primeiramente, à rainha Leonor de Sicília (1325-1375) e ao rei Pedro IV de Aragão, *o Cerimonioso* (1319-1387). Em 1375, passou a servir o futuro rei João I (1350-1396), *o Caçador*, e sua esposa, Violante de Bar (1365-1431).

Na Chancelaria de João I, Metge teve contato com textos clássicos, como as *Disputas Tusculanas*

<sup>5</sup> Note-se aqui a progressiva afirmação do que se chamou, *a posteriori*, de *devotio moderna* (devoção moderna). Marcante nas doutrinas protestantes do século XVI em diante, já no século XIV a devoção moderna penetrava no catolicismo. A partir de tal concepção religiosa, a experiência com o sagrado é algo tão íntimo que assume contornos de misticismo e de erotismo, isto é, “um *tête-à-tête* amoroso com Deus” (DUBY; LACLOTTE, 2002, 108).

e *O Sonho de Cipião*, de Cícero (106-43 a.C.), *A Consolação da Filosofia*, de Boécio (480-525), além de obras dos renascentistas florentinos, como Petrarca (1304-1374), Dante (1265-1321) e Boccaccio (1313-1375), o que justifica seu pioneirismo humanista. Os escritos mais conhecidos do autor são o *Livro da Fortuna e da Prudência* (c. 1381), *Ovídio enamorado*, *Valter e Griselda* (c. 1388) além, é claro, de *O Sonho (Lo Somni)*, sua obra prima.

Desconsolo. Solidão. É nessa atmosfera que se inicia a narrativa, na melhor influência de Boécio quando, sozinho no cárcere, é consolado pela Filosofia. Preso também estava Metge e o consolo pelo qual ansiava veio por seu antigo senhor e amigo, o recém-defunto D. João I, *o Caçador*. Em esplêndidas vestes, apresentou-se ladeado por Orfeu e por Tirésias, notáveis personagens da Mitologia greco-romana.<sup>6</sup> A aparição do rei fizera Metge recobrar o ânimo e o impelira a ouvir, uma vez mais, as admoestações de seu amo. A atmosfera mórbida é, assim, pouco a pouco substituída pela alegria emocionada do reencontro.

Todo o debate entre o monarca e o autor-personagem, no Livro I, é direcionado para temas elevados, como a iminência da morte e a imortalidade da alma. Esse primeiro momento da narrativa, por si só, revela um belíssimo diálogo ao estilo platônico no qual são discutidas e revisitadas a grande maioria das considerações clássicas e contemporâneas acerca da alma (COSTA, 2012). Uma erudição inebriante que se coloca, a todo o momento, no sentindo de convencer nosso cético autor-personagem da excelssitude da vida eterna.

O autor projetou sobre si mesmo um personagem que exacerba os principais desvios do espírito humanista daqueles tempos (o ceticismo, a laicidade, o hedonismo). Seja como for, Metge,

<sup>6</sup> Na Mitologia grega, Orfeu foi um herói, lembrado pelas belas melodias que compunha com sua lira. Ficou famoso por adentrar ao Hades, após adormecer Cérbero com o toque de seu instrumento, para resgatar Eurídice, sua amada. Tirésias, famoso profeta, viveu sete anos como mulher. Após retornar à sua forma original, foi escolhido por Zeus e Hera como árbitro num debate sobre o amor. Ao declarar que era a mulher quem sentia maior prazer na prática sexual, desgostou a Hera que, por isso, cegou-o. Em compensação, Zeus fez com que fosse capaz de predizer o futuro. A presença dos dois junto ao espírito de D. João faz parte de sua pena no Além: como o rei se deleitava muito com a música dos menestres, Orfeu foi designado para tocar com sua lira sons dissonantes e extremamente desagradáveis; além disso, o monarca investigava o futuro, muitas vezes, por meio de adivinhações e, por isso, Tirésias fica em sua companhia e o recorda, incessantemente, dos dissabores que teve em vida.



ao mesmo tempo em que semeia o *Humanismo* no pensamento ibérico, critica o modelo ético-moral e intelectual imperante e o contradiz ao apresentar-se como um expoente da *renovação espiritual* desse momento (BUTIÑÁ, 2002, 432).

É no Livro II, contudo, que a narrativa atinge um de seus pontos altos, quando D. João revela seu destino *post mortem*, o Purgatório. Questionado por seu fiel servo a respeito de tal sorte no Além, o *Caçador* narrou o seu calvário: tão logo abandonou seu corpo, foi colocado diante de Jesus Cristo e do diabo para ser julgado. Acusado de diversos pecados, como os deleites com a caça e com a música, dentre outros, fora imputado pelo maior deles: instigar o Cisma que fragmentou a Igreja entre o final do século XIV e o início do XV.<sup>7</sup> Seu destino era o Inferno mas, graças à intercessão da Virgem Maria, foi conduzido ao Purgatório. Mesmo favorecido pela Mãe de Deus, o rei estava privado da glória celeste enquanto o Cisma não fosse superado.

E per tal com res de assò no has fèt, pertanys a mi per justícia, axí com a amador del scisma, del qual tu e los altres princeps den món sós stats nodridors. Carl os uns, per vostre propi interès e affecció desordenada, havets feta parta ab papa Clement, e los altres ab Urbà; e ab tant, lo dit scisma há mesas raelas que no seran arranchades de gran temps (BERNAT METGE, 2007, p. 142).

Mas como tu não fizesses nada disso, pertences a mim [o diabo] por justiça, como amante do cisma do qual tu e os outros príncipes do mundo foram os fomentadores. Uns, pelo próprio interesse, além de uma afeição desordenada, em apoio ao papa Clemente; outros, a Urbano. Entrementes, o cisma foi de tal modo arraigado que suas raízes não serão arrancadas por muito tempo.

Ao final do Livro II, o rei revelou a Metge o real motivo de sua aparição: D. João fora usado por Deus como um verdadeiro *pedagogo*. Ao revelar tais coisas a seu servo, o monarca *admoestava-o* por seu Epicurismo e *o educava* na verdadeira fé, de modo a cumprir as ordens do

<sup>7</sup> Sobre a relação entre o *Grande Cisma do Ocidente* e *Lo Somni*, ver SILVA, Matheus Corassa da. *O Grande Cisma do Ocidente* (1378-1417) em *O Sonho* (1399) de Bernat Metge. *Revista Medievalis*. vol. 2. Rio de Janeiro: Nielim-UFRJ, 2013. p. 71-82. Disponível em: <http://nielim.com/medievalis/revista/02/06.pdf>. Acesso em: 20 set 2013.

Senhor, compadecido com a alma, inicialmente predisposta à perdição eterna, do autor-personagem. O *Caçador* acrescentou, ainda, que logo o protagonista estaria livre de seu sofrimento, já que era inocente. Num dos mais belos momentos de todo o texto, Metge disse o que está descrito na epígrafe que principia este trabalho, quando demonstra o profundo amor nutrido por seu senhor, essência das relações feudais. O rei recomendou, por fim, que suas palavras não fossem ocultadas, pois muitos ignorantes se certificariam daquilo que duvidavam, isto é, da *Eternidade* e da *Benevolência divina*.

O tratamento do tema do *Cisma do Ocidente* por D. João evidencia a preocupação que nutria pelo seu amigo e servo. Mais que relatar o motivo de estar no Purgatório, o rei prezava pela salvação da alma de Metge, para que sua fé não se abalasse em meio a esse conflito. Inatingível, inquebrantável fé daquela verdadeira religião, Una, Santa, Católica e Apostólica: era essa atitude devocional que conduziria Metge ao Paraíso, lugar no qual a milícia celeste cantaria em uníssono as maravilhas de Deus.

O Livro III principia com o discurso de Orfeu, breve relato de sua vida e, sobretudo, de seus dissabores. A contragosto, mas atendendo ao pedido de Metge, o herói descreveu minuciosamente o mundo inferior, lugar sombrio onde fora resgatar sua amada. Numa clara manifestação humanista do autor, o local descrito por Orfeu é um misto do Inferno cristão e do Hades pagão. Figuras mitológicas como Minos, Radamanto, Éaco, as Parcas, as Fúrias, as Górgonas e, é claro, Plutão e Prosérpina, são marcantes na narrativa. Contudo, o local construído imagetivamente pelo texto não é apenas aquele em que jazem os mortos. Ao contrário, é onde padecem e sofrem os pecadores. Vejamos as penas destinadas, por exemplo, aos cometedores dos *sete pecados capitais*:

[...] Los ergullosos són gitats e turmentats em lo pus pregon loch que y és, entre molt gel e sutzura que ls cobre tots, exceptat lurs cares, de les quals hixen espessas flames de foch. Los luxuriosos són turmentats per voltors qui incesantment mengen lurs fetges inmortalas, los quals, après que són quaix menjats e destruïts, tornen renéixer; e molts porchs, sutzes e fort pudents, stan-los entorn, le-

pant lurs boques e cuxes. Los avariciosos e aquells qui han maltractat lurs pares, frares e servidors, e qui de lurs riqueses no han volgut fer part a lus parentes e amichs, e han seguit guerres injustes e enganat lurs senyors, tenen davant viandes reyalment e meravellosa aparellades, e Megera, seent en um lit sol-lempnament parat, veda als dessús dits ab gran rigor prendre de la dita vianda, de la qual se desigen molt sadollar; puy done'ls a beure, ab grans vaxells, aur fus bullent, qui'ls hix encontinent per la pus jusana part del cors. Los golosos mengien lurs membres fort glotament; puy giten per la bocha ço que han menjat e, encontinent, tornen-ho menjar. Los irosos corren amunt e aval com a rabiosos, e baten cruelmente si mateys e aquells qui entorn los estan. Los invejosos giten verí fort pudent per la bocha, puy tornen-lo beure; e stan fort magres e descolorits, ab los ulls grochs e plorosos. Los peresosos seen em cadires clavades de claus fort larchs e spessos, e entorn d'aquells há gran foch, qui'ls fa moure continuamente, e done'ls per la cara neu e gran tempesta de vent e d'aygua gelada (BERNAT METGE, 2007, p. 176/178).

[...] Os orgulhosos são lançados e atormentados no lugar mais profundo que ali existe, em meio a muito gelo e imundícies que os cobrem inteiramente, exceto seus rostos, dos quais saem espessas chamas de fogo. Os luxuriosos são atormentados por abutres que incessantemente comem seus fígados, que são imortais, pois renascem após serem comidos e destruídos. Além disso, há muitos porcos, imundos e malcheirosos, que lambem suas bocas e suas coxas. Os avarentos e os que maltrataram seus pais, irmãos e servidores, os que não quiseram compartilhar suas riquezas com os parentes e amigos, participaram de guerras injustas e enganaram seus senhores, têm diante de si iguarias preparadas régia e maravilhosamente, enquanto Mégara, sentada em um leito solenemente decorado, proíbe rigorosamente a eles que comam dos alimentos com os desejam muito se saciar. Depois, dá-lhes de beber, em grandes vasilhas, ouro fundido, fervendo, que imediatamente lhes sai pela parte mais baixa do corpo. Os gulosos devoram seus membros mui vorazmente; depois, expõem pela boca o que comeram e, imediatamente, recomeçam a comer. Os irados correm para cima e para baixo, como se estivessem raivosos, e batem cruelmente em si mesmos e naqueles que estão ao seu redor. Os invejosos expulsam um fétido veneno pela boca, e depois tornam a bebê-lo; estão muito magros e pálidos, com os olhos amarelos e lacrimejantes. Os preguiçosos estão sentados em cadeiras cravadas com pregos muito grossos, e ao seu redor há uma

enorme fogueira que faz com que se movam continuamente, enquanto são açoitados nos rostos por neve e por uma tempestade de vento e água gelada.

Assim, a narrativa do *Cisma* e a descrição do Inferno anunciam o *caráter pedagógico-moral* do texto metgiano. As aparições do rei, de Orfeu e de Tirésias ao autor-personagem desvelam o que deveria ser o verdadeiro e legítimo direcionamento moral da vida terrena: a busca incessante das coisas divinas, eternas, em detrimento das mundanas, fugazes. Mais que saber, por mera curiosidade, o que Metge deveria esperar do Inferno (ou do Purgatório), o conhecimento prévio de tais regiões do Além por parte das personagens doutrinaram nosso protagonista pelo temor, pavor de não se salvar, de perder, por toda a Eternidade, a glória divina, como apregoava a tradição cristã. Esse aspecto paradoxal do texto de Metge aponta as *tensões existenciais íntimas* de que padecia nosso escritor, fato já apontado por Julia Butiñá (2002).

## CONCLUSÃO

O tempo de *Lo Somni* foi o da lenta, porém progressiva, dissolução do *sistema unitário de valores* nascido na Grécia Antiga e herdado pela Idade Média. Essa decadência da moral é uma solitária angústia que o escritor vivencia em seu mundo interior, situação também destacada por Butiñá (2002), em que pese seu otimismo analítico ao anunciar o literato catalão como um pioneiro viajante na estrada que o Ocidente percorreria nas centúrias seguintes.

De fato, Metge foi mais uma vez pioneiro ao padecer dessas tensões e solucioná-las, aparentemente, em seu íntimo. Contudo, esse conflito, ao que parece, projetou-se em seu texto sem causar o devido impacto nos círculos humanistas do período. O tempo ofuscou o brilho ético-moral de *Lo Somni*. Nossa proposta, portanto, foi fazê-lo cintilar uma vez mais e revelá-lo como um verdadeiro *clarão na noite* (LE GOFF, 1995, p. 149) escura e fria do relativismo.



---

## REFERÊNCIAS

### Fonte primária impressa

BERNAT METGE. **Lo somni / El sueño**. Edición, traducción, introducción y notas de Julia Butiñá. Madrid: Centro de Linguística Aplicada Atenea, 2007.

### Bibliografia

BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal**. Do ano mil à colonização da América. São Paulo: Editora Globo, 2009.

BUTIÑÁ, Julia. **En los orígenes del Humanismo**: Bernat Metge. Madrid: UNED, 2002.

COSTA, Ricardo da. A experiência de traduzir Curial e Guelfa. In: Curial e Guelfa. **Anônimo do século XV**. Apres., trad. e notas de Ricardo da Costa. Santa Bárbara: University of California, Publications of eHumanista, 2011, p. 57-70. Disponível em: <http://www.ricardocosta.com/artigo/experiencia-de-traduzir-curial-e-guelfa>. Acesso em: 20 set 2013.

COSTA, Ricardo da. **La inmortalidad del alma en Lo Somni (1399) de Bernat Metge**. Trabalho apresentado nas XII Jornadas Internacionales de Estudios Medievales da Sociedad Argentina de Estudios Medievales

(SAEMED), Buenos Aires, 2012. Disponível em: <http://www.ricardocosta.com/artigo/la-inmortalidad-del-alma-en-lo-somni>. Acesso em: 20 set 2013.

DUBY, Georges; LACLOTTE, Michel (coord.). **História Artística da Europa. A Idade Média**. Tomo I. 2 ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002.

HUIZINGA, Johan. **O Outono da Idade Média**. Estudos sobre as formas de vida e de pensamento dos séculos XIV e XV na França e nos Países Baixos. São Paulo: CosacNaif, 2010.

LE GOFF, Jacques. **A Civilização do Ocidente Medieval**. 2. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

PERROY, Édouard. **História Geral das Civilizações**. Tomo III. A Idade Média. Volume 3. Os tempos difíceis. 2. ed. São Paulo: Difel, 1958.

SILVA, Matheus Corassa da. **O Grande Cisma do Ocidente (1378-1417) em O Sonho (1399) de Bernat Metge**. Revista Medievalis. vol. 2. Rio de Janeiro: Nielim-UFRJ, 2013. p. 71-82. Disponível em: <http://nielim.com/medievalis/revista/02/06.pdf>. Acesso em: 07 ago 2013.

TUCHMAN, Barbara W. **Um espelho distante: o terrível século XIV**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.